

A VIOLÊNCIA NAS “CAPAS” DOS JORNAIS DIÁRIOS BRASILEIROS

Priscila Santana Caldeira¹

RESUMO: O presente artigo trata da presença do tema violência nas primeiras páginas de alguns jornais brasileiros. O trabalho parte de dados coletados em 2007 por pesquisadores do Grupo de Pesquisa Mídia e Política da UEPG para as capas de seis jornais brasileiros (Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Gazeta do Povo, Folha de Londrina, Diário dos Campos e Jornal da Manhã). A metodologia utilizada na pesquisa é quantitativa de monitoramento da cobertura de jornais diários e visa identificar temas, formatos, tamanho em cm², elementos selecionadores e localização topográfica dos textos nas páginas dos jornais. Através de uma análise comparativa dos critérios de noticiabilidade entre veículos de circulação local, regional e nacional, testa-se a hipótese de que os jornais com circulação local apresentam uma lógica própria de noticiabilidade que os distingue daqueles com circulação regional e nacional, no que diz respeito ao tratamento dispensado ao tema violência em suas capas.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Visibilidade. Jornais diários. Primeira página. Noticiabilidade.

1. INTRODUÇÃO

O *paper* apresenta parte dos resultados da coleta de dados feita em 2007 pelo Grupo de Pesquisa Mídia e Política da UEPG². Os pesquisadores analisaram 7.113 chamadas de seis jornais diários brasileiros: Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Gazeta do Povo, Folha de Londrina, Diário dos Campos e Jornal da Manhã. A metodologia utilizada no trabalho é quantitativa de monitoramento da cobertura de jornais diários com a finalidade de identificar

¹ Pesquisadora voluntária vinculada ao Programa de Iniciação Científica Provic/CNPq e graduanda em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Email: priscila.uepg@gmail.com. O paper teve origem em pesquisa realizada em 2007 pelo Grupo de Pesquisa em Mídia e Política da UEPG. Este artigo foi apresentado, quase que integralmente, no XI Seminário de Inverno de Estudos em Comunicação da UEPG, realizado de 23 a 27 de junho de 2008.

² Além do tema Violência/segurança pública, foram coletadas informações sobre outros doze temas sociais abordados pelos veículos de comunicação.

temas, formatos, tamanho em cm² de página, elementos selecionadores³ e localização topográfica dos textos nas páginas.

Dos jornais analisados, o Diário dos Campos e o Jornal da Manhã, têm circulação diária (sendo 6 dias por semana) restrita à área de abrangência do município-sede deles, que é a cidade de Ponta Grossa, com cerca de 300 mil habitantes e localizada no centro-sul do Paraná. Os jornais de circulação regional, com abrangência na maioria dos municípios paranaenses, são a Gazeta do Povo, com sede na capital do Estado, Curitiba; e Folha de Londrina, com sede na segunda maior cidade do Estado, Londrina. Já os periódicos de circulação nacional, ambos com sede na cidade de São Paulo, mas possuindo as maiores tiragens são a Folha de São Paulo e Estado de São Paulo.

Neste trabalho, discutem-se especificamente as características do tema violência nas chamadas de primeira página dos jornais diários. Considerando que os jornais diários são importantes ferramentas na organização do debate público (MCCOMBS & SHAW, 1972), buscam-se respostas às perguntas: como o tema violência/segurança é tratado nas primeiras páginas dos jornais diários? A hipótese norteadora do trabalho é de que os jornais com circulação local apresentam uma lógica própria de noticiabilidade que os distingue daqueles com circulação regional e nacional, no que diz respeito ao tratamento dispensado ao tema violência em suas capas. Foram consideradas como representantes desta temática todas as informações que tratam de acontecimentos envolvendo crimes contra a vida, violência no trânsito – em especial as que causam mortes – e assuntos relacionados à atividade policial, principalmente na divulgação de informações a respeito de investigações sobre crimes.

O texto divide-se em três partes. No próximo tópico são apresentados os conceitos mais utilizados na interpretação do fenômeno da espetacularização da violência nos meios de comunicação e as relações existentes entre o campo social e o espaço de produção das notícias. Na parte seguinte são apresentados os resultados das análises quantitativas a respeito da presença do tema violência nas primeiras páginas dos jornais diários analisados, fazendo a comparação entre periódicos de diferentes áreas de abrangência. Por fim, serão apresentadas

³ Aqui, elementos selecionadores são usados para indicar as características dos fatos sociais que mais aparecem nos temas que dão origem às notícias – no caso, às chamadas de primeira página. Referem-se ao conceito de valor-notícia dos temas.

breves conclusões a respeito da temática nos seis jornais diários com informações disponíveis⁴.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

A violência é objeto de intensa cobertura jornalística pela mídia nacional. O caso da cidade do Rio de Janeiro é emblemático, pois é nela que se encontram sediados alguns dos meios de comunicação mais massivos do País e onde os acontecimentos violentos são mais explícitos. Porém, é preciso considerar que este exemplo apenas confirma a regra de que havendo violência humana em qualquer lugar, é provável que ela desperte o interesse nos jornalistas. ARGOLO (2003), baseado em edições de diários do início do século XX, explica que na República Velha os índices de violência eram baixíssimos nos meios de comunicação. Além de os crimes de morte ser poucos, não tinham tanta repercussão por parte da imprensa.

Na Baixada Fluminense persistia a insegurança e o abandono, devido à falta de atuação das autoridades policiais naquele período. A consequência foi o desenvolvimento, a partir dos anos 20, de um incontrolável inchaço populacional urbano proveniente da vinda de dezenas de milhares de migrantes nordestinos. Como consequência da inoperância do Estado em fazer cumprir as regras, segmentos sociais organizam-se para fazer cumprir “a ordem” na região. Segundo ARGOLO (2003, p.8):

(...) de 1920 a 1960 aproximadamente, a Baixada Fluminense foi transformada numa terra de ninguém, num imenso campo de desova para as vítimas dos grupos de extermínio abrigados, ou não, no interior das corporações policiais.

Depois da República Velha, o Rio de Janeiro transformou-se gradativamente, como afirma ARGOLO (2003, p. 8), numa espécie de “oceano para os criminosos de todo gênero”. Num primeiro momento se destacaram os contrabandistas e os baronatos do jogo do bicho. Os grandes centros urbanos são encarados como propícios à violência, devido a heterogeneidade, a densidade e grandeza, que favorecem o anonimato, a segregação, a mobilidade, a instabilidade e insegurança, de acordo com WIRTH (1967 apud TONDATO 2007).

⁴ O autor agradece ao grupo de pesquisa em Mídia e Política da UEPG, responsável pela coleta e tratamento das informações sobre cobertura midiática que resultam em um monitoramento do comportamento dos jornais em relação a diferentes temas – inclusive violência e segurança.

Sendo a violência urbana um tema de amplo interesse social, ela se configura como pauta diária dos meios de comunicação, que procuram “racionalizar situações, enquadrando acontecimentos nos modelos hegemônicos, estereotipados, resultando na maioria das vezes em banalização dos acontecimentos” (TONDATO, 2007, p. 127).

De acordo com o Relatório Preliminar de Pesquisa do Centro de Estudos de Violência e Cidadania⁵ (CESEC, 2005, p.3), “de 1980 a 2002, 695 mil brasileiros foram assassinados. A taxa de homicídios no Brasil mais do que duplicou nesses vinte e três anos, passando de 11,7 homicídios por 100 mil habitantes em 1980 para 28,5 homicídios em 2002 – índice que coloca o Brasil entre os países mais violentos do mundo”. Apesar da existência de diferenças regionais, o relatório mostra que o problema do crescimento da violência e, principalmente, dos homicídios não é exclusivo do Rio de Janeiro, permeando toda a sociedade brasileira.

O estudo realizado pelo CESEC aponta que a polícia é a principal fonte consultada, presente em 32,5% dos textos analisados. Mais de um quarto da cobertura (27%) é composto por pequenas notas informativas, sem que exista qualquer tipo de contextualização. O nível de abordagem factual prevalece nas reportagens analisadas, sendo identificada em 63,8% dos textos. Verificou-se também que apenas 5,4% deles apontaram causas para o problema da violência, 7,3% soluções e 6,4% conseqüências.

Como mostram RAMOS e PAIVA (2007), a cobertura midiática sobre violência tem apresentado algumas mudanças atualmente, tais como o abandono parcial de estereótipos entre “bandido” e “mocinho”. No entanto, outras características históricas desse tipo de cobertura continuam presentes: o uso das fontes policiais, a exploração de vítimas e a manutenção do estereótipo de moradores das favelas e periferias de grandes cidades (RAMOS E PAIVA, 2007). No próximo tópico serão analisadas as características das chamadas de primeira página sobre violência/segurança pública em seis jornais diários brasileiros nos meses de agosto, setembro e outubro de 2007.

3. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

⁵ A pesquisa analisou 2514 textos jornalísticos, veiculados por nove jornais de três unidades da federação: a Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Agora SP, O Globo, Jornal do Brasil, O Dia, O Estado de Minas, Diário da Tarde e Hoje em Dia ao longo de 35 dias distribuídos por cinco meses do ano de 2004 (maio a setembro).

A partir da metodologia e variáveis já indicadas, a tabela 1 indica o número de chamadas sobre o tema violência nas primeiras páginas dos jornais, assim como o percentual delas em relação ao total, o tamanho médio de chamadas sobre violência em cm² e o total de cm² ocupados por este tema nos 90 dias de cobertura analisada. Percebe-se que os dois jornais de circulação nacional dão os menores percentuais de chamadas sobre violência/segurança do grupo. Eles vêm seguidos do jornal de abrangência regional Gazeta do Povo, que tende a apresentar um comportamento de primeira página mais próximo dos periódicos de circulação nacional do que dos locais.

Quanto aos dois jornais de circulação local (Diário dos Campos e Jornal da Manhã) e a Folha de Londrina, de circulação regional, há um claro crescimento da presença do tema violência em suas primeiras páginas. O jornal que deu mais espaço para a temática na primeira página foi a Folha de Londrina, com 196 chamadas, que totalizaram 19%, com média de 107,9 cm² por chamada e um espaço total ocupado de 21,1 mil cm². A Folha de Londrina ficou com o dobro do segundo colocado, que foi o Diário dos Campos⁶. Portanto, jornais locais tendem a dar mais espaço em suas capas para o tema violência que os de abrangência nacional.

Tab. 1 – Presença do tema Violência/Segurança nas capas dos jornais

Jornal	Num. Chamadas	% Chamadas	Média cm ²	Total cm ²
Diário dos Campos	111	12	95,4	10.509,6
Jornal da Manhã	73	10,9	103,8	7.584,2
Gazeta do Povo	131	7,8	64,9	8.502,8
Folha de Londrina	196	19	107,9	21.159,8
Folha de São Paulo	95	6,7	72	6.844,1
Estado de São Paulo	102	7,3	75,8	7.732,1

Fonte: Grupo de Pesquisa em Mídia e Política da UEPG

O tema violência/segurança é o quarto mais citado no Diário dos Campos com 12%. Já no Jornal da Manhã o tema representa 10,9% das entradas, igualando-se ao Político-institucional (que envolve informações sobre fatos relacionados a órgãos públicos de âmbito federal, estadual ou municipal). Na Gazeta do Povo a aparição da violência cai em relação a

⁶ É preciso considerar que os dois jornais locais apresentam um número menor de edições, por circularem apenas seis dias por semana. No caso do Diário dos Campos estão incluídas as edições de agosto, setembro e outubro. Já no Jornal da Manhã, que passou por uma reformulação gráfica e editorial em agosto de 2007, foram incluídas apenas as informações sobre setembro e outubro, totalizando dois meses. Por isso, os totais obtidos por estes jornais devem ser considerados de maneira diferente, pois apesar de estarmos contando com um número menor de edições, eles apresentam altos índices de ocupação em cm² das primeiras páginas com tema violência/segurança.

todos os outros jornais (7,8%) das entradas. A Folha de Londrina registra a temática em 19% das chamadas, sendo o tema que mais aparece. Na Folha de São Paulo representa apenas 6,7% das entradas. Já no Estado de São Paulo, a temática registra 7,3% de aparição na primeira página.

Como no Brasil a tiragem e o volume de leitura dos jornais apresentam significativas diferenças aos domingos em relação aos demais dias da semana, para testar a visibilidade do tema violência na primeira página é preciso identificar como ele aparece nas edições dominicais dos periódicos, quando a visibilidade cresce. Nota-se que nos jornais de circulação local o tema violência aparece com maior frequência ao domingos, se comparado aos veículos de outras abrangências: no Diário dos Campos em 14,4% e no Jornal da Manhã em 16,4% das entradas. Na Gazeta do Povo, a temática registra aparição de 6,9%, enquanto que na Folha de Londrina em apenas 2,6%. Na Folha de São Paulo, 11,6% das chamadas tratam de violência no domingo e no O Estado de São Paulo, 9,8%.

Comparando esses dados aos da tabela 1, percebe-se que nos jornais de circulação local e nacional o percentual de chamadas aos domingos é superior ao percentual do total do período. Já os dois periódicos regionais apresentaram percentuais muito abaixo das médias de todo o período, mostrando uma tendência de ampliar a aparição do tema violência em outros dias da semana, com menor circulação de jornais.

Outra variável importante para medir a visibilidade do tema é o tipo de chamada em que ele aparece. Em ordem decrescente de visibilidade, as chamadas sobre violência/segurança foram categorizadas em manchete com foto, manchete sem foto, chamada com foto, chamada sem foto, foto-legenda e chamada título, como mostra a tabela 2 em percentuais por jornal.

Tab. 2 – Percentuais de formatos de chamadas sobre Violência/Segurança

Formato	Diário dos Campos	Jornal da Manhã	Gazeta do Povo	Folha de Londrina	Folha de São Paulo	Estado de São Paulo
Manchete com foto	4,5	6,8	3,1	3,6	1,1	2,0
Manchete sem foto	2,7	8,2	3,1	9,2	1,1	1,0
Chamada com foto	34,2	19,2	12,2	21,9	14,7	21,6
Chamada sem foto	27,9	50,7	44,3	10,7	63,2	64,7
Foto-legenda	1,8	0	1,5	1,5	6,3	1,0
Chamada título	28,8	15,1	35,9	53,1	13,7	9,8

Fonte: Grupo de Pesquisa em Mídia e Política da UEPG

De acordo com a tabela acima, houve predominância do formato chamada sem foto no Jornal da Manhã, Gazeta do Povo, Folha de São Paulo e Estado de São Paulo. As exceções foram o Diário dos Campos, com 34,2% de chamada com foto, e a Folha de Londrina, com 53,1% de chamada título. No primeiro, houve predomínio em chamadas com mais visibilidade que a maioria dos jornais analisados e, no segundo, predominou chamada com menos visibilidade. Nota-se que a somatória dos percentuais de manchetes com e sem fotos nos jornais de circulação nacional apresentam os menores índices de presença do tema violência (2,2% na Folha de São Paulo e 3% no Estado de São Paulo). Estes vêm seguidos pela Gazeta do Povo, que apresentou 6,2% de suas chamadas sobre violência em formato de manchete. Novamente, os maiores percentuais em formato com grande visibilidade ficam com Jornal da Manhã, 15% em manchetes, seguido por Folha de Londrina, 12,8%, e, Diário dos Campos com 7,2% em formato de manchete com ou sem foto.

Outra variável importante para a caracterização da presença do tema violência nas primeiras páginas dos jornais é a presença e o tipo de fontes citadas pelos periódicos. Trabalhos já publicados a respeito disso (ARGOLO, 2003; RAMOS E PAIVA, 2007) indicam que existe uma tendência ao uso de fontes oficiais nas reportagens sobre violência. Aqui, pretende-se testar se essa tendência verificada nas páginas internas reproduz-se nas capas dos jornais. Para tanto, utiliza-se uma caracterização das fontes indicada por Molotch e Lester (1978), segundo a qual elas são agrupadas em três categorias⁷.

Percebe-se claramente que a primeira página não é espaço para aparição das fontes no tema violência. Os percentuais de chamadas sem fonte crescem nos jornais de abrangência local (Diário dos Campos e Jornal da Manhã), para reduzir um pouco nas demais abrangências. Os periódicos nacionais foram os que mais citaram fontes na primeira página no que diz respeito às entradas da temática violência. Na Folha de São Paulo houve a citação de 13,7% de fontes e no Estado de São Paulo, de 7,8% do total. Na Folha de São Paulo predominaram as fontes oficiais, com 7,4% do total e as fontes disruptivas tiveram o menor percentual de entradas (2,1%); enquanto que no Estado de São Paulo as fontes oficiais dividiram espaço com as disruptivas, com 2,9% cada uma.

⁷ No primeiro grupo estão as fontes oficiais ou habituais, no segundo, as fontes disruptivas, que inclui todas as que promovem manifestações ou mobilizações sociais que se destacam e ganham espaço no noticiário. O terceiro grupo foi denominado de “outros”.

No Diário dos Campos, dos 3,6% de fontes utilizadas na primeira página, 1,8% correspondem a especialistas (ouvidos por terem conhecimento científico ou profissional em determinada área), enquanto a outra metade é de fontes oficiais. Já no Jornal da Manhã não houve citação de fonte em nenhuma chamada de primeira página sobre violência. Na Gazeta do Povo a categoria “outro” apresentou maior porcentagem, com 2,3% das chamadas sobre violência, ficando acima da aparição de fontes oficiais. Enquanto que na Folha de Londrina esta categoria se equiparou a de “especialista”, com 1%. Em nenhuma capa dos jornais de circulação local e regional foi utilizada fonte disruptiva em chamadas sobre violência, no entanto, a partir dos dados não é possível afirmar que exista uma tendência de valorização das fontes oficiais nas chamadas de primeira página, pois embora elas predominem na Folha de São Paulo, nos demais jornais elas dividem espaço com os especialistas e representantes do terceiro setor.

Por fim, para saber se ao agendarem o tema violência para suas primeiras páginas os jornais colaboraram para o debate público a respeito de assuntos mais próximos à realidade que interferem de fato, é preciso testar a abrangência das chamadas por jornal. Um jornal cumpre seu papel de instrumento a serviço do debate público quando agenda temas com impacto em sua área de abrangência.

A Folha de Londrina, apesar de circulação regional, é a única discrepância, pois apresenta um percentual maior de abrangência local para as chamadas sobre violência (50%). O local se aproxima do regional na Gazeta do Povo com 35,1% das chamadas referentes à violência/segurança, mas o que predomina é o regional (38,2%). O Diário dos Campos e o Jornal da Manhã, veículos locais, apresentaram respectivamente 73,9% e 56,2% de chamadas com abrangência local. Já na Folha de São Paulo e no Estado de São Paulo prevaleceram chamadas de abrangência nacional, com 35,8% e 41,2%, respectivamente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temas como “violência e segurança” são vistos pela sociedade a partir do modo que a mídia os noticia (essa é uma das formas de relacionar mídia e realidade), já que ao cobrir determinados assuntos e ao usar determinados critérios de noticiabilidade na cobertura de fatos sociais os meios de comunicação ajudam a construir uma representação da realidade. Eles, pois, conseguem definir sobre o que se deve pensar. Situa-se aí a “teoria do

agendamento”, a qual sugere que o mundo gira ao redor dos meios de comunicação e que as discussões da sociedade são pautadas de acordo com o que está presente na mídia.

A análise de conteúdo da primeira página dos jornais diários se mostra relevante, tendo em vista a visibilidade social que dá a alguns temas públicos em detrimento de outros. Na presente pesquisa sobre a presença do tema violência nas primeiras páginas de jornais diários constatou-se que os periódicos locais: Jornal da Manhã e Diário dos Campos atribuíram maior destaque à temática violência/segurança em suas capas, em detrimento dos veículos com áreas de circulação mais abrangentes. A exceção é a Folha de Londrina, que apesar de apresentar circulação regional, em vários momentos aproxima o tratamento dado ao tema violência dos jornais de circulação local.

Por outro lado, se os veículos de abrangência nacional (Folha de São Paulo e Estado de São Paulo) dedicaram menos espaço e em locais com menor visibilidade de suas capas para o tema violência, eles foram os que mais citaram fontes externas aos jornalistas nestas chamadas no período analisado. A princípio, a citação de fontes pode dar a idéia de uma pluralidade maior de “vozes” na cobertura. No entanto, de maneira geral, as fontes oficiais são as mais citadas na maioria dos jornais. O exemplo mais marcante é a Folha de São Paulo, que teve 7,4% de suas chamadas com fontes oficiais, o dobro das citações do segundo tipo de fonte.

O tema violência/segurança também apareceu mais vezes, proporcionalmente, nos jornais de circulação local. No Diário dos Campos foram 12% do total de chamadas. Na Gazeta do Povo o nível de aparição da violência cai para 7,8% e fica ainda menor na Folha de São Paulo e Estado de São Paulo, de circulação nacional. A Folha de Londrina, que é regional, apresenta o maior número de entradas válidas para a temática violência em sua capa. Enfim, esses dados comparativos, ainda que insuficientes para um quadro mais geral a respeito da presença do tema violência na cobertura jornalística indicam a necessidade de relativização dos resultados encontrados em outras pesquisas para a cobertura feita em jornais de circulação nacional. Jornais de circulação local tendem a dar mais visibilidade a assuntos relacionados à violência que ocorre em sua área de abrangência, colaborando, neste sentido, para o agendamento deste tema nas comunidades mais próximas dos acontecimentos sociais que ganham destaque na mídia.

REFERÊNCIAS

ARGOLO, José Amaral. As luminárias do medo: jornalismo e violência no Rio de Janeiro. In: **Revista PJ: BR**. 2003. Disponível em: http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/especial2003/conteudo_jargolo.htm>. Acesso em 27 maio 2008.

MCCOMBS, Maxwell. **Building Consensus**: The news media's agenda-setting roles. University of Texas at Austin. Political Communication, 1 4:433-443, 1997.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: Como os jornais retratam a violência e a segurança pública no Brasil**. Relatório de pesquisa e anexos. Rio de Janeiro: CESeC, maio de 2005. Disponível em: <http://www.ucamcesec.com.br/at_proj_conc_texto.php?cod_proj=215>. Acesso em: 27 maio 2008.

TONDATO, Marcia Perencin. Violência na mídia ou violência na sociedade? A leitura da violência na mídia. In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 32, abril de 2007.